

FLAVINA Aefarrabios

Ano 01 ~ abril de 2018 ~ Nº VII

Dia 19 de abril,
dia do ÍNDIO?

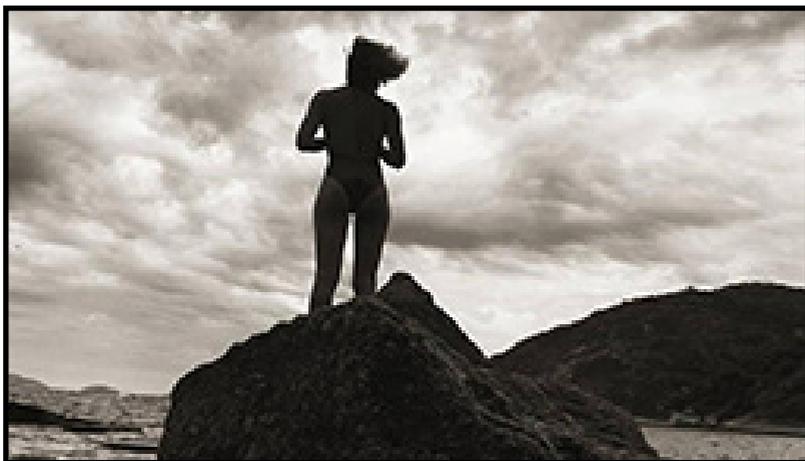
1500
2018



Andréia Evangelista



é geminiana de Niteroi, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



Foi por isso. Por causa dessa coisa toda de escrever que andam pensando que sabem muito sobre minhas escolhas.

Ninguém sabe.

Não faço escolhas. Aconteço em alguns lugares.

Desfaço. Reacredito. Atuo falhamente nas certezas e também na dúvida. Acredito. Descredito. Saldo negativo pra disfarçar riquezas escondidas por baixo dos narizes tortos.

Por que não fala o que você quer?

Hoje mesmo me desfiz um pouco mais. Entrei no banheiro, apaguei a luz, aumentei o som no último volume. Fiz um ritual de regressão para vidas passadas onde não havia monogamia. A noivinha puta-doce de meia-tigela não estava mais a espera naquela casa de classe média no INFERIOR de São Paulo. Perdão por não segurar a onda de uma vida cansada de dar certo. Por agitar copos d'água. Por voltar bêbada nas madrugadas enquanto cuidam da criança. Por esculhambar com sua família tradicional, bem-intencionada e preconceituosa. Pelos porres nas festas de trabalho da elite branca erudita.

Então, aconteceu dessa forma... Sempre estive tentando cumprir papéis de gata borralheira para ter o que escrever. Para ter pelo que sofrer. Para GRITAR que não sirvo. Para me sentir incompleta como todas as mulheres da minha família. Cheias de filhos abandonados pelos pais, devotas e medicadas.

O corpo é Deus/ Deusa. Templo sagrado. Não há nada de errado com o corpo. É natureza. Casa da Deusa!

Pensei q fosse insônia. Vi q era medo do inconsciente. Agora sinto q gosto do tempo mudo das vozes cotidianas. Mantenho os olhos abertos para sentir o tempo correndo por mim. Gosto de pensar olhando o céu. O tempo esculpindo as nuvens e decretando estados.

A raiva

Não precisa ser a raiva a protagonista da ação. Prefiro a indignação. A indignação te transforma. A raiva te explode e te expõe. é uma fraqueza? A transformação te faz funcionar diferente. Outra visão. Vários ângulos antes da resolução. O tempo é decadente quando se continua parado onde está. Corro descascando mundos. Jogando cascas fora. Vendo tudo diferente de outrora. Trocando estações quando o programa enjoa.

V I I
A l f a r r a b i o s

Tem gente louca sem noção nas igrejas, mas tem nas academias tb. Tem nos centros, tem no feminismo, e em todos esses ísmos que a vida nos impõe. Acredite na luz da boca do estomago q ela sabe mais que qualquer guru ou doutor.

Das minhas autocríticas cedo-vos o meu humor: (me deu um certo medo de colocar “negro” e nenhum medo é um bom sinal)

- Tenho medo de ser fanática e exagerada sempre.
- sim. Patriarcado, lembra?
- Atuante invisível. Igual a bomba energética q acionaram contra o RJ. Tá vendo? É disso que falo do medo da loucura. Essa coisa de ver o que ninguém mais vê.
- primeiro fanatismos depois loucura. Está se sentindo fanática em que agora?
- em nada. Mas posso vir a ser a qualquer momento. A fraternidade branca...
- fraternidade o q???
- calma é só um nome!
- um nome bem representativo, não acha não?
- Acho; e estou me acostumando com esse tipo de reação.
- Meu medo é de quando menos se espere vc esteja falando High Hitler.
- Hitler NÃO. É a galera de Saint Germain, Arcanjo Miguel... Ah tá, Saint Germain... mestres ascencionado... poderia colocar fraternidade Prata!
- Não. Iria ficar confuso
- Confuso pra quem?
- Para os E.Ts da confederação Galática da frota prateada
- kkkkk kkk. Não. Não me parece fanatismos.

Culpa de não ter seu tempo e culpa do tempo que é gasto. Parte superior do formulário

Parte inferior do formulário

Parte superior do formulário

Culpa de não ter seu tempo e culpa do tempo que é gasto.

O dinheiro tem que ser contado pra não dar tempo de pensar. Até a água que é nossa - fluídos da deusa - vão nos cobrar.

O facebook é um buraco negro entre as dimensões. Muitos caminham só. Muitos caminham sem saber só. Ainda precisamos de alguma regulação do q aconteceu do lado de fora da janela. Estamos todos trancados em nossas prisões domiciliares. O medo mora mais dentro q fora. Mais dentro da culpa e mais fora do truque. Mesmo olhando de olhos abertos não parei as reverberações. Morrer de olho aberto é tomar caldo olhando a onda e paralisada de medo sentir ela quebrar.

A vida parece um eterno mudar as coisas de lugar

Tomara que a gente não esqueça o significado desse momento. O preço é alto. A dor do silêncio é a dor mais funda. O medo a pior arma. Tomara q a gente lembre da gente nesse estado antes de acostumar com o cotidiano. Tomara que a gente aprenda depressa o que realmente é loucura pra temer tanto o insano. A capa do jornal amanhã é outra. Na outra quarta, outro jogo de futebol. Tomara que a gente aprenda sobre o jogo certo e as táticas do inimigo antes de intoxicar nossos filhos com tantos 7x0 para indecência. Tomara que a ditadura não faça parte dos livros de história dos filhos dos cristais. Tomara que a gente aprenda que TV não é escola e não siga pela história dos tempos cumprindo modelo globo de coronéis. Tomara que o povo não esqueça que atirador de elite fecha com político tal qual mostrou o filme que abusou dos dons proféticos e lugares comuns. Tomara que antes de diluir esse nó a gente pense e repense sobre representações e padrão de comportamento.



Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.
Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de
Poemas Malditos,
Poemas do Rasgo da Hora,
Poemas em Riste,
Poemas em Cortes Profundos e
Poemas da Morte Presumida

POEMÁRIO DAS CAUSAS INÚTEIS

1

um poema e mais um tanto/
de qualquer coisa qualquer/
aberta ou fechada em lata/
encontrada na palavra lixo.

o lixo e o poema/
em versos no correr da noite/
há mais frio nas entranhas apodrecidas/
há mais morte em ninguém circula por aqui.

2 Minha mãe me criou/
e sabia que eu não daria para nada/

e sabia que este nada/
estaria sempre em mim como um saco de plástico vazio.

Minha mãe sabia/
que eu não teria serventia alguma/
e disse que não poderia comparecer ao meu enterro/
pelo fato de ter que fazer as unhas.

Minha mãe em meus pesadelos noturnos/
eu que arrancava aquelas unhas terríveis/
em comeu e não gostou em pretérito perfeito/
em cheiro de naftalina no substantivo armário.

RIMAS APODRECIDAS E CIRCENCES

3 pedaço de nada/
nesta rima apodrecida/
pedaço de nada na madrugada/
que não come marmelada/
nunca prestou a desgraçada/
torpe e açucarada/
vencida pelo substantivo noite.
olhos fundos e falsos/

quando subiu ao cadafalso/
 e respirou tranquilamente/
 antes de morrer no chão quente/
 dos becos secos da rua em questão/
 sem sangue nas veias/gelado o coração/
 rimando com o vento em todo tormento/
 correndo do tempo em alazão.

QUESTÃO DE RIMA II

O outro ponto ao qual me referi no início de artigo diz respeito ao uso criterioso das rimas com o fito de evitar que o texto se torne literalmente piegas.

Tenho lido verdadeiras aberrações e lamento que tais autores não tenham sido melhor orientados.

Rimar nunca foi tarefa fácil e requer sabedoria, refinamento e prática para tal.

Trata-se de um trabalho artesanal, resultado talvez de anos de esforço de tentativas e erros até que se atinja o assim chamado estado de segunda natureza.

Retomemos agora o poema de DRUMMOND:

Amar o perdido
 deixa confundido
 este coração.

Reparem que no primeiro verso temos o verbo amar flexionado no infinitivo sugerindo em termos semânticos a ideia de extensão, de infinidade juntamente com algo que se perdeu, ou seja, amar enquanto estado de graça e luto na medida em que este infinitivo é atingido pelo inexorável presente do indicativo do verbo deixar.

Temos o amar no passado e presente e futuro na superfície vez por outra maculada pelo verbo deixar, pelo adjetivo confundido, pelo pronome demonstrativo este e pelo substantivo coração.

Vale observar a riqueza das rimas, ricas na sua natureza, a saber: perdido e confundido, dois adjetivos que encerram um som misterioso e ao mesmo tempo agradável aos ouvidos.

Na segunda estrofe temos:

Nada pode o olvido/
 contra o sem sentido/
 apelo do não.

O ato de deixar de lembrar dilacerado pelo inexorável apelo de uma negação, de uma rejeição profunda e duradoura. atrofiando momentaneamente a percepção do mundo, a saber:

As coisas tangíveis
 tornam-se insensíveis
 à palma da mão/

Reparem na transição em termos de rima, reparem na escolha de um adjetivo sofisticado, raríssimo na maioria dos poemas que vemos por aí,

para um adjetivo bem mais coloquial, vale dizer de fácil absorção, como é o caso de insensível.

Observem o cuidado em termos de sonoridade como se vivenciássemos pequenos mantras em perfeita harmonia.

Caminhamos desta forma para resolução do impasse na afirmação da vida através do reencontro com o belo.

Mas as coisas lindas
muito mais que findas
estas ficarão.

Sugiro que fechemos os olhos e recitemos este poema com especial ênfase nestas rimas misteriosamente zen.

Tchello d'Barros

Escritor e artista visual, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Dedicou-se desde 1.993 à criação de poemas, poemas visuais, contos, desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, performances, instalações e videoartes. Seus temas principais são sobre sociedade, política, fé, sexo, relações humanas e o cotidiano. Publicou 6 livros de poemas e possui textos em mais de 50 antologias, coletâneas e livros didáticos. Com 31 exposições individuais, suas imagens já participaram de mais de 100 exposições coletivas, no Brasil e Exterior. Tem ministrado em diversas instituições oficinas literárias e realiza curadorias no campo das Artes Visuais.



Tchello d'Barros

tchello@ufrj.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

Rio de Janeiro (RJ) Brasil

Sinopse

A série de desenhos, gravuras e infografias digitais “Estesias Espirais” constituem uma pesquisa imagética que Tchello d’Barros vem desenvolvendo desde 2004, a partir de simbologias e referências iconográficas dos povos originários do Brasil. São vivências presenciais em sítios arqueológicos dos povos indígenas do planalto catarinense, das danças do Toré com comunidades indígenas do interior do Nordeste e das visitas aos geoglifos da Amazônia.

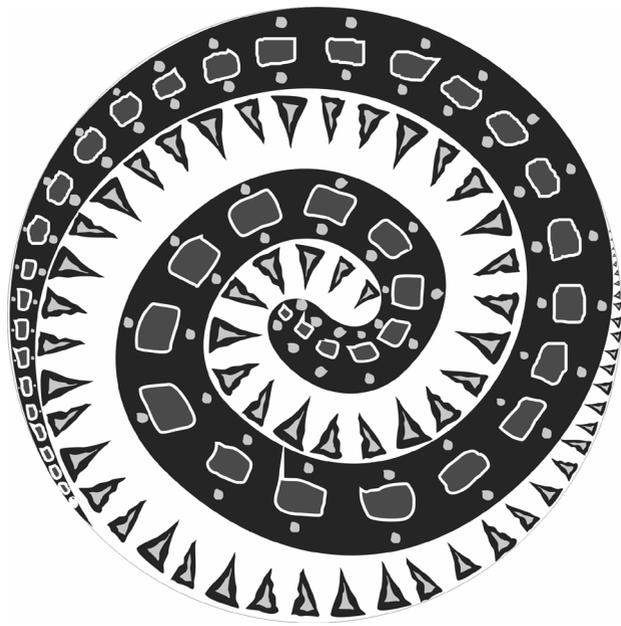


ETESIAS ESPIRAIS I

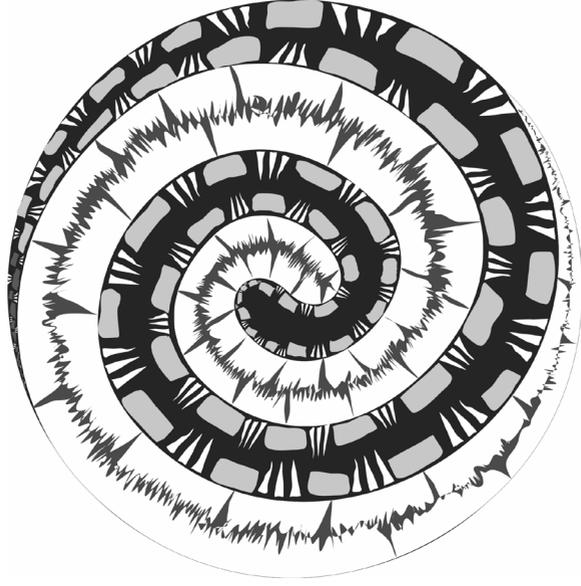
ETESIAS EPIRAIS III



ETESIAS EPIRAIS II



ETESIAS EPIRAIS V



ETESIAS EPIRAIS IV





ETESIAS EPIRAIS VI



Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com

.....

TÃO CERTO ASSIM

tá certo sim
seguir as descobertas
olhar todos os ângulos
fungar nas frestas
traçar curvas e retas
e mesmo os poliédricos
triângulos
e visitar
ninhos de vespas
e de orangotangos

dá certo sim
medir os mil quilômetros
mirar o macro próximo
fuçar ouvidos
tramar surtos e metas

e mesmo o inverossímil
 das mágoas
 saborear
 silos de aveias
 e de todos os vis desmandos
 certo sim
 abandonar o barco
 desgarrar do porto a nado

certo sim
 atravessar compassos
 se o sentimento é lento
 e a vida pede
 e o vento do desejo inside
 e a vida perde
 se não for
 o próximo movimento
 mais acelerado

Alfarrabios
 V I I certo assim
 V I I cada um ser rei e rainha
 nas leis leis ou das rinhas
 ter seu soberano reinado
 marco valença.

VASO DE PLANTA

chuvas e trovões e ventos
sobre os edifícios
da cidade onde vivo

ventos e trovões e chuvas
sobre meu ofício
a poesia que invento

tempo de fazer silêncio
e ouvir as águas e os ruídos
que se movimentam

penso que venha um estio
ou mais tempestades
em meus pensamentos

ou quem sabe rios
de prazer sem frio
escorram pelos veios

para criar fontes
de luz e paz
portais de horizontes

sem luta e sem cruz

veio a chuva

e regou o que poemo

marco valença.

TEUS VÁRIOS

amo lábios

e o que representam e sugerem

os desenhados naturalmente

como se houvesse um recorte de nuvem

entre a mucosa e a pele

esses me são os mais atraentes

e se forem um tanto rubros

e úmidos e quentes

aí me trazem absurdos

me fazem completamente demente

amo lábios

mas também

línguas e gengivas e dentes
os grandes
e pequenos sábios
sensíveis
potentes

amo lábios
que me propõem
presentes

marco valença.

COISA ÓTIMA

sou uma mulher que rasga
que arrazoa
sou um homem que tasca
que distoa

não somos um casal
nem nos conhecemos
mas o nosso venta
nesse aqui poema

entoa um alvo
de cumplicidade
uma flecha certa
entre o macho e a fêmea
entre o irmão e a gêmea

entre os versos
que se entrelaçam
em maços

tão nascidos
como os traços dos arquitetos
como quem trama os artesanatos

como quem confia o futuro
ou aos deuses ou aos diabos

V I I e faz o seu carurú
V I I com doze ou com mil quiabos

A l f a r f a b i o s
sou um homem que marca
e te entoa
sou uma mulher
que salta e voa

só nos resta
saber quem somos
só nos presta
ser coisa boa

marco valença.

TODA SORTE

há um amar com arte e há uma arte de amar.
e ainda mais

há o amor com arte e há a arte com amor
pode escolher, pode tentar, ser artista e ser amante
só não vale desistir
do melhor da vida
não obstante

marco valença.



Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



A magia de ser Eu Mesma

As pedras no caminho moldaram meu corpo.

Meu olhar é cúmplice, pois se formou durante anos, permitindo me gerir a arte de amar.

Acumulei, de maneira perfeita, a experiência e a juventude, o que me faz dominar a arte e gestão da minha essência, somando vida aos anos que desfrutei e aos que ainda irei desfrutar.

Porque deixo pegadas por onde caminho, dona de meus passos. Piso forte, transmito segurança e consigo uma estabilidade emocional e pessoal que hipnotiza.

Caráter forte, mas de coração muito bom.

Não preciso de números para marcar...

Não importa se faço vinte, quarenta ou sessenta!

O que importa é a idade que eu sinto.

Tenho os anos de que preciso para viver livre e sem medos.

Para seguir sem medo pelo caminho, pois levo comigo a experiência adquirida e a força de meus anseios.

Tenho os anos necessários para perder o medo e fazer o que quero e sinto.

A Vida é Efêmera por isso nos damos conta de que é preciso aproveitá-la e conciliar nossos mundos. Você deixa de se preocupar com o que aconteceu e com o que acontecerá, para começar a desfrutar do que está acontecendo no momento.

A atitude é a força mais poderosa de mudança.

Precisamos da escuridão para ver melhor?

São e serão pessoas pouco comuns e extraordinárias que nos farão lembrar que tudo valeu a pena.

Tenho um sétimo sentido que as permite ir além, me mantenho serena com a vida.

Eu grito meus temores sem medo e faço o que desejo, mesmo temendo o fracasso. Amo a Eu mesma, aceitar-me e me abraço, pois me tornei uma pessoa muito mais plena, muito mais Eu.

Autora: Jammy Said



Vagalumes

Lembro da cidadezinha pequena perdida no mapa..

Aquela casinha aonde eu passava minhas férias...

Lembro do sitio da Esperança...

Lembro do anoitecer eu pequenina debruçada na janela olhando as luzinhas piscando entre as florzinhas e matinhos e eu procurando os donos delas...

Vovó dizia: Vagalumes...

Eu ainda vejo estas luzes, só fechar meus olhos...

Eu me transporto até aquele sitio esperança...

Ele ainda está lá no mesmo lugar...

E eu aquela menina cresci me tornei mulher...

Nessa cidade de pedras na qual vivo, urbana...

Tenho gravado na minha memoria todas cenas do meu sitio esperança...

A voz de minha vó dizendo: Vagalumes...

Fecho meus olhos e ainda sinto o cheiro das florzinhas do campo, do mato...

Consigo visualizar o arco-iris multicolorido depois de um dia chuvoso...

Os ciganos acampados perto do sitio esperança...

Assim resgato a minha infância e a menina dentro de mim...

Corro descalça, livre em meus sonhos...

Subo em árvores, nado nos rios dos meus pensamentos...

Liberdade!!

No meus sonhos não existem predios, asfaltos, concretos, desertos, jornais com noticias de crimes, guerras...

Nos meus sonhos só existe o sitio esperança e vagalumes..

Como minha vó disse um dia: Vagalumes...

Grito de Liberdade

Não Sou Dalí

Sou um pouco Rita Lee.

Patricinha, Louca

Sou muitas e sou poucas

Underground quando quero.

Metamorfose Ambulante

Da Vida sou Amante

Sou Chique e Sou Brega

Eclética...

Ética

Elétrica

Magnética

Sou Ímã ou Macunaíma

Mastigo Chiclete

Imito a Gretchen

Atrevida

Vou para as Ruas e Grito

Quero que me escutem

Grito de Liberdade

Sou Mutante.

Na Atitude sou Gigante.

Autoria: Jammy Said



José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

Ninguém mais lê e-mails

Há muitos anos minha atenção vem sendo despertada para um fenômeno que constato no dia a dia das relações sociais: ninguém mais lê e-mails. Isto não significa necessariamente que eles, pura e simplesmente, não sejam mais lidos pelos destinatários, embora isso possa de fato ocorrer. Mas o sentido da minha afirmação é o de que com uma alarmante frequência as pessoas não fazem mais uma leitura linear de textos na forma em que a humanidade o fazia até o advento da internet. A leitura atenta dos textos vem sendo rapidamente substituída por uma leitura salteada, sôfrega, um garimpo de palavras capturadas aqui e ali por um olhar lançado de relance sobre a tela dos celulares, laptops, desktops tablets, Kindles e congêneres. Como resultado, tem-se, frequentemente, uma distorcida captação do conteúdo da mensagem, levando a respostas equivocadas, desentendimentos, estresse nas relações, desperdício de energia, tempo, dinheiro etc. E essa leitura salteada e desatenta nem de longe se limita a e-mails; ela se aplica a qualquer tipo de texto eletrônico.

O que estará acontecendo? Uma resposta muito bem estruturada eu a encontrei no livro do escritor norte-americano Nicholas Carr “O que a internet está fazendo com os nossos cérebros – A geração superficial” (AGIR, Rio de Janeiro, 2011); todas as citações ao longo deste artigo, salvo expressa identificação de

outro modo, estão contidas nesse livro. O subtítulo é enganador, poderá levar à precipitada crença de que o autor seja um ludita, um rabugento em relação à internet e um preconceituoso quanto à juventude. Nada mais errôneo. Carr é um homem absolutamente afinado com o desenvolvimento da informática, um ativo usuário das mais atualizadas ferramentas que ela coloca à disposição da sociedade. O que sucedeu, e o levou a escrever o livro, foi o fato de ele ter se dado conta de que a internet passara a exercer sobre si uma influência que em muito superava aquela experimentada com o seu velho PC. E não se tratava tão somente de que ele estava passando muito mais tempo diante de seu computador, nem tampouco a circunstância de que muitos de seus hábitos e rotinas haviam mudado porque ele se acostumara e se tornara dependente de sites e serviços visuais. O que mais o surpreendeu foi a constatação de que o próprio funcionamento de seu cérebro parecia estar mudando. Carr começou então a se preocupar com a sua incapacidade de prestar atenção a uma coisa por mais do que alguns minutos.

A princípio, Carr imaginou que a razão do que lhe acontecia seria atribuível a um sintoma de deterioração mental da meia idade. Mas, logo percebeu, ocorria que o seu cérebro não estava apenas se distraindo, ele estava faminto. E exigia ser alimentado da forma como a internet o fazia e, insaciável, quanto mais alimentado mais faminto se tornava. Quando longe de seu computador, Carr ansiava por checar seus e-mails, clicar em links, pesquisar no Google. Ele queria estar conectado.

Vivendo conectado

A necessidade de estar conectado torna-se uma febre: jovens e grandes aficionados da internet de todas as idades têm um profundo interesse em estar informados sobre o que acontece aqui e agora na vida de seus contatos, manifestando enorme ansiedade em participar de forma permanente da roda de amigos nas redes sociais. Parar de enviar e responder mensagens os tornaria invisíveis. Introduzo uma inversão de um conhecido chiste psicanalítico para ilustrar bem essa preocupação. Na piada clássica, um paciente está deitado no sofá do analista e, aflito, confidencia: “Doutor, sinto que estou sendo seguido”. E automaticamente se capacita a ser enquadrado como alguém que sofre de complexo de perseguição. Na versão atualizada, o paciente, igualmente aflito, queixa-se

ao analista: “O problema, doutor, é que às vezes sinto que não estou sendo seguido”.

As conseqüências da adição à internet são analisadas em profundidade por Nicholas Carr em seu mencionado livro. Suas afirmações são suportadas na auto-avaliação, em conversas com amigos e, sobretudo, em uma vasta coletânea de resultados de pesquisas e de reflexões efetuadas por neurologistas, psicólogos, matemáticos, especialistas em informática e em outros ramos da ciência, filósofos, poetas etc. As conclusões são surpreendentes. Das ultramodernas técnicas de escaneamento cerebral e de cuidadosas pesquisas efetuadas com seres humanos e animais ficou demonstrado aquilo que já havia sido afirmado por pensadores e filósofos como Martin Heidegger e Marshall McLuhan: a técnica e seus objetos modificam o nosso modo de ser. McLuhann tornou-se bastante famoso na década de 1960 com seus estudos sobre os meios de comunicação. Sua máxima “o meio é a mensagem” tornou-se célebre. O que significa isso? Conforme pontua Carr, os meios não são meros canais de informação, eles fornecem o material para o pensamento, mas também moldam o processo do pensamento. Ele constata que a net parece estar desbastando sua capacidade de contemplação, e quer esteja contatado ou não, sua configuração mental agora espera receber informação do modo como a net a distribui, ou seja, um fluxo de partículas em movimento veloz.

Carr relembra que na década de 1980 muitos educadores estavam convencidos de que a introdução de hiperlinks no texto exibido em telas de computador seria de grande ajuda para o aprendizado: esse artifício facilitaria o pensamento crítico dos estudantes, possibilitando que facilmente acessassem diferentes pontos de vista. Ao final daquela década, o entusiasmo tinha começado a esmorecer. As pesquisas estavam traçando um quadro mais completo, muito mais amplo dos efeitos cognitivos do hipertexto. A avaliação dos links e a navegação entre eles envolviam tarefas de resolução de problemas que eram estranhos ao hábito da leitura em si. Decifrar hipertextos aumentava consideravelmente a carga cognitiva dos leitores, enfraquecendo, dessa maneira, a sua capacidade de compreender e reter o que estavam lendo. Os leitores frequentemente terminavam clicando distraidamente “pelas páginas em vez de lê-las cuidadosamente”. Constatou-se que grupos

de leitores que realizavam pesquisas em documentos eletrônicos tiveram desempenho inferior àqueles que fizeram a mesma pesquisa em documentos impressos. Estudos realizados muitos anos depois, quando os leitores já estavam bastante familiarizados com o hipertexto, levaram às mesmas conclusões. Ocorre que, na apreciação de Carr, a necessidade de avaliar links e tomar as decisões de navegação relacionadas, enquanto processa uma quantidade impressionante de estímulos sensoriais, exige constante coordenação mental e tomada de decisões, distraindo o cérebro do trabalho de interpretar textos e outras informações. Sempre que os leitores se defrontam com um link, têm que pausar, ao menos por uma fração de segundo, para permitir que o córtex pré-frontal avalie se é o caso de se clicar ou não. O redirecionamento dos recursos mentais, da leitura das palavras para a realização de julgamentos, pode ser imperceptível para as pessoas, pois o cérebro é veloz, mas foi demonstrado que ele impede a compreensão e a retenção. Particularmente quando este redirecionamento é constantemente repetido.

Determinismo?

Nossos modos de pensar, perceber e agir - agora se comprovam pelos resultados de estudos científicos - não são inteiramente determinados pelos nossos genes. Nem são inteiramente determinados pelas experiências da nossa infância. Nós os mudamos através do modo como vivemos e através dos instrumentos que usamos: pesquisas demonstraram quão profundamente o cérebro pode ser influenciado pela tecnologia. Isso ocorre devido a neuroplasticidade, a faculdade através da qual o cérebro está constantemente se modificando em resposta às nossas experiências e comportamentos, remodelando os seus circuitos a “cada estímulo sensorial, ação motora, associação, sinal de recompensa, plano de ação ou [deslocamento] da consciência”, conforme o pesquisador em neurologia Alvaro Pascual-Leone. Segundo esse cientista, a neuroplasticidade ou, simplesmente, plasticidade, é um dos mais importantes produtos da evolução, uma característica que permite que o sistema nervoso “escape das restrições do nosso genoma e assim se adapte a pressões ambientais, mudanças psicológicas e experiências”. A seleção natural, de acordo com o filósofo David Buller, “não projetou um cérebro constituído de numerosas adaptações pré-fabricadas”; ao contrário, ele é capaz de “se adaptar às

exigências ambientais locais ao longo da vida de um indivíduo, e, algumas vezes, em um período de dias, formando estruturas especializadas para lidar com essas exigências”. E, de forma bastante singular, Pascual-Leone realizou um experimento utilizando uma técnica chamada Estimulação Magnética Transcraniana, demonstrando que o cérebro muda não somente em relação às ações humanas, mas, também, em relação a pensamentos. Ele colocou dois grupos de pessoas sem experiência em tocar piano e lhes ensinou a tocar uma melodia simples constituída de uma série de notas curtas. Aos membros de um dos grupos foi solicitado que tocassem a melodia durante um determinado tempo. Aos membros do outro grupo foi pedido que apenas imaginassem que tocassem a música no mesmo período de tempo. O surpreendente resultado foi que o grupo de pessoas que tão somente imaginara tocar as notas exibiu, exatamente, as mesmas alterações no cérebro que o grupo de pessoas que efetivamente tinham tocado as mesmas notas. Ficava cientificamente comprovado que nossos pensamentos podem exercer uma influência física em nossos cérebros.

Guerra e Paz

Ninguém mais lê e-mails. E “ninguém lê Guerra e Paz”, a colossal obra de Liev Tolstói, no entendimento de Clay Shirky, um estudioso de mídias digitais da Universidade de Nova York, que faz idêntica consideração ao livro Em busca do tempo perdido, de Proust. De fato, na opinião dele, estivemos “elogiando de um modo vazio” escritores como Tolstói e Proust “todos esses anos”. Nossos velhos hábitos literários “são apenas um efeito colateral de vivermos em um ambiente de acesso empobrecido”. Prosseguindo, Shirky conclui que podemos finalmente nos livrar desses hábitos desgastados (nessa mesma linha, Shirk poderia igualmente condenar a obra dos grandes mestres da música: ela seria tediosa, exigiria demasiado tempo para sua apreensão). Carr considera tais afirmações teatrais demais para serem levadas a sério. Mas é inegável que a introdução do e-book está transformando a maneira como os leitores se posicionam diante de um livro. Steven Johnson, especialista em semiótica (ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação – Wikipedia) logo após começar a ler no seu novo Kindle, prognosticou que: “a migração do livro ao reino digital não seria uma simples questão

de trocar tinta por pixels, mas provavelmente mudaria profundamente o modo como lemos, escrevemos e vendemos livros”. Ele estava excitado com o potencial do Kindle para expandir “o universo dos livros na ponta dos nossos dedos” e tornar os livros tão buscáveis como web pages. Mas o serviço digital também deixou Johnson inseguro: “Temo que um dos grandes prazeres da leitura dos livros – a total imersão em outro mundo, ou no mundo das ideias do autor – estará comprometido. Todos nós poderemos ler livros do mesmo modo como cada vez mais estamos lendo revistas e jornais: um pedacinho aqui, outro ali”. Na avaliação do escritor John Updike, “quando um livro impresso, seja ele uma obra acadêmica de história recentemente publicada ou um romance vitoriano com duzentos anos de idade, é transferido para um aparelho eletrônico conectado à internet, ele se transforma em algo parecido com a página de um site. Suas palavras ficam envoltas em todas as distrações do computador em rede. Seus links e outros aditivos digitais jogam o leitor para cá e para lá”. Ele perde o que Updike chama de suas “bordas” e se dissolve nas vastas águas da net. A linearidade do livro é quebrada, junto com a calma atenção que encoraja no leitor. (meu comentário: o e-book não deixa de ter algumas vantagens, deixo aos seus defensores a apresentação de seus argumentos).

Ninguém mais lê Guerra e Paz, o esforço não compensa. A leitura desse tipo de texto e sua própria produção – os escritores estarão desconcentrados, senão desestimulados a escrevê-los, sabedores da indiferença com que serão acolhidos – está seriamente ameaçada. E o que dizer da leitura de complexos textos filosóficos? Será possível fazer-se a exegese do pensamento dos luminares do gênero humano através do saltitar do olhar sobre as palavras? E os textos científicos em geral? Restará o entendimento dessas matérias restrito tão somente a um reduzido grupo de especialistas, os modernos monges copistas da idade média? E o que dizer dos compêndios do Direito? Sabemos que os magistrados se debruçam sobre volumosos processos sobre os quais precisam formar um conceito e emitir uma decisão. Premidos pelo tempo, e cada vez mais desabituaados à prática da leitura profunda, estarão lendo os extensos textos processuais da maneira fragmentada como o fazem os aditos à internet? Parece que sim, na maioria dos casos. É bastante preocupante o que pode sair daí. O fato insofismável é

que a leitura profunda, essencial à compreensão de um texto complexo, exige uma mente calma, não a mente frenética que está se tornando largamente predominante. “Como os usuários lêem na web?” Essa foi a pergunta lançada em 1997 por Jacob Nielsen, “um consultor experiente de design de web pages”, após seu primeiro estudo da leitura on-line. Em 2006, Nielsen, que já vinha estudando a leitura on-line desde a década de 1990, levou a cabo uma pesquisa de rastreamento ocular de usuários da web. Ele descobriu que raramente qualquer uma das 232 pessoas participantes de uma leitura proposta lia o texto on-line de forma semelhante à que faziam quando liam páginas de um livro: linha por linha, de modo metódico. Analisando os dados, o pesquisador constatou que os usuários da web gastavam apenas alguns segundos em uma página. Respondendo, então, à sua própria pergunta feita em 1997, Nielsen, de forma sucinta, radicalizou: “Eles não leem”.

Ganhos e Trocas

“Não existe almoço grátis”. Esta famosa frase de Milton Friedman, economista laureado com o Prêmio Nobel, se aplica perfeitamente à análise dos inquestionáveis e prodigiosos ganhos da net em confronto com o que se está dando em troca: a mente linear calma, focada, sem distrações está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em pulsos curtos, desconexos, frequentemente superpostos – quanto mais rapidamente, melhor. O que sucedeu a Carr é um perfeito exemplo dos efeitos no modo de ser das pessoas causados pelo hábito da imersão profunda e continuada na rede. Conforme ele relata, não foi fácil escrever o seu livro. No começo, lutava em vão para manter sua mente fixa na tarefa. Ele tendia a escrever em “arrancos desconexos”, da mesma forma que fazia em seu blog. Compreendeu então que seriam necessárias grandes mudanças em suas rotinas. Carr mudou-se de sua residência em um subúrbio altamente conectado de Boston para as montanhas do Colorado. Lá instalado, cancelou sua conta no Twitter, suspendeu por um tempo sua filiação no Facebook, e colocou o seu blog em compasso de espera. E ainda fechou o seu leitor RSS, restringiu o Skype e as mensagens instantâneas, além de desacelerar seu aplicativo de e-mail. Os efeitos? “O desmantelamento de minha vida on-line não foi de modo algum indolor (...) ocasionalmente eu caía numa farrá na web por um dia inteiro (...) mas com o tempo a fissura cedeu

(...) alguns velhos circuitos neurais, em desuso, estavam voltando à vida, parecia, e alguns dos mais novos, ligados na web, estavam se aquietando (...)”. E foi assim que ele conseguiu paz e concentração para escrever o livro. Carr reconhece, entretanto, que a sua condição de trabalhador autônomo e de natureza relativamente solitária, tendo a opção de se desconectar, não é típica. Ele assinala que para a grande maioria das pessoas atualmente a web é tão essencial para o seu trabalho e para a sua vida social que elas não têm essa alternativa. Na verdade, essa opção, em tese, sempre existiria, porém exercê-la em muitas circunstâncias pode ter um custo excessivamente alto. E como que para provar não ser um ludita, Carr, de forma bem humorada, escreve, quase ao final de seu texto, que voltara a deixar o seu e-mail correndo o tempo todo e que reabriu o seu feed RSS, reativara o seu blog, experimentava novos serviços das redes sociais e que comprara “um blue-ray com conexão wi-fi embutida”. E admite: “Tenho que confessar: é legal. Não tenho certeza se poderia viver sem isso”.

Para ajudar a explicar como a dependência dos computadores digitais “cresceu constantemente e, aparentemente, de forma inexorável desde que essas máquinas foram inventadas no final da segunda guerra mundial”, Carr evoca as considerações bastante provocativas feitas por Joseph Weinsenbaum, um cientista de computação do MIT-Massachusetts Institute of Technology. Para Weinsenbaum, “uma tecnologia intelectual [assim como o mapa e o relógio] torna-se um componente indispensável de toda a estrutura uma vez que tenha sido tão inteiramente integrada a ela, tão entremeada nas várias subestruturas vitais, que não pode mais ser removida sem mutilar fatalmente toda a estrutura (...) “a sua adoção [do computador] entusiástica, acrítica, pelos elementos ‘progressistas’ do governo, negócio e indústria dos Estados Unidos, tornou-o um recurso essencial para a sobrevivência da sociedade na forma como o próprio computador foi instrumento para moldar”. Aqui cabe um chiste de um amigo meu, técnico em informática, que, de forma satírica, afirma que “o computador é um excelente instrumento para resolver problemas que ele mesmo criou”.

Ao final de seu livro, Carr faz diversas citações de filósofo Martin Heidegger, que muito se preocupava, já na década de 1950, com “a onda de revolução tecnológica” iminente, que poderia “cativar, enfeitiçar, deslumbrar e distrair de tal forma o homem que o

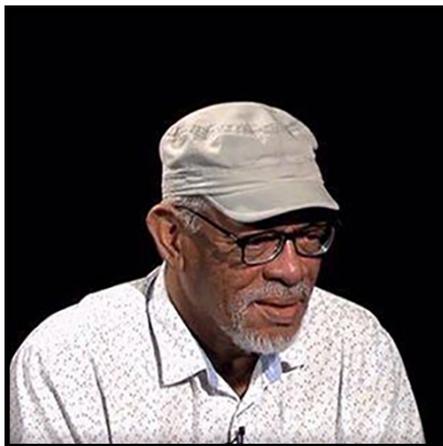
pensamento calculista poderia um dia vir a ser aceito e praticado como o único modo de pensar”. A nossa capacidade de engajamento no pensamento reflexivo, que Heidegger considerava como a própria essência da humanidade, poderia ser sufocada pela desmedida adesão à técnica. Carr poderia ter feito mais uma citação de Heidegger encontrada no texto *Serenidade* (Instituto Piaget, Lisboa, 1959) - uma resposta simples ao dilema entre endeusar ou demonizar a técnica - e da qual ele próprio se valeu na estratégia para escrever o seu livro: “Podemos dizer ‘sim’ à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer ‘não’, impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (Wesen) [ser]”.

O tema abordado no livro de Nicholas Carr é fascinante e atualíssimo, e tem sido objeto de um crescente número de pesquisas em muitos países. Em recente entrevista ao jornal *O Globo* (11/02/2012), *Caderno Prosa @ Verso*, o autor reafirma suas preocupações com o abuso da net, em quem ele reconhece muitas qualidades, daí a utilizarmos tanto, mas acredita que “ela nos transforma em pensadores mais superficiais”. Publicações sobre o assunto não faltam. Sugiro a leitura da matéria publicada no jornal *O Globo* (13/01/2012), *Caderno Ciência*, onde serão encontradas referências interessantes na matéria que tem como título “Viciados em Internet”. O Estudo constata alterações no cérebro similares às registradas com álcool e drogas. Recomendo ainda a leitura do livro *O Inverno de nossa Desconexão*, de Susan Maushart, Paz e Terra, 2011.

*Este texto foi escrito em 2012, antes da febre do WhatsApp vir a reforçar as preocupações aqui descritas. A versão agora postada é, com ligeiras alterações, o texto originalmente publicado na revista virtual *Desenvolvimento Pessoal*, naquele ano. Trata-se da primeira das três partes do que vim a denominar a “Trilogia da Irreflexão”. Naturalmente que desde então preciosa literatura sobre a questão vem sendo produzida.*

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



Um filme catástrofe? Conheça a raiz desta história bem carioca

“...Não existe viajante algum que, tendo visto o Rio, não fale com admiração do magnífico espetáculo proporcionado pela baía da cidade. Esta baía é ainda mais vasta que a baía de Constantinopla... Quando se entra na baía, após o sofrimento da longa travessia, fica-se comovido com o esplendor do panorama:

Porém que decepção se sente, oh meu Deus, quando se sai do ancoradouro?! Os perfumes que vem da baía são infectos!! A explicação é simples, a água das casas era transportada pelos escravos de várias fontes em barris semelhantes aos que, no fim da tarde, carregavam os detritos, pois as casas não têm fossa séptica já que o lençol freático, por causa do solo pantanoso, está muito próximo da superfície e todos os detritos domésticos são postos em barris que os escravos põem sobre a cabeça e vem, em procissão, para o mar onde os jogam, dá para imaginar o mau cheiro com o terrível calor do lugar, esses negros são como o símbolo da cidade...”

(Um viajante da época da chegada da família real ao Brasil em 1808)

Dia destes resolvi folhear um guia de ruas do Rio de Janeiro (que

nos meus bons tempos se chamava ‘Guia Rex’). A curiosidade – meio masoquista é verdade – era específica e bem determinada: Queria saber as quantas andava a decantada proliferação de favelas no Rio de Janeiro, fenômeno cujos sintomas alarmantes todo mundo por aqui sente, mas evita comentar.

Vivo falando de como este fenômeno é visível no meu bairro e do quanto me causa estranheza o fato deste assunto, candente e gravíssimo pelo que parece, não estar sendo debatido, mais vivamente por todo mundo – desesperadamente diria até, dada a natureza assustadora de suas consequências em certo- e quiçá breve – prazo.

Pois bem, saibam que mesmo careca de saber, fiquei de cabelo em pé quando terminei de folhear o tal guia. Maldita hora. Tive, a bem dizer, um pesadelo acordado, olhando em cada página o cinturão de favelas que cerca, inapelavelmente, quase todos os chamados ‘bairros comuns’ do Rio e a quantidade de problemas dramáticos, a cada dia mais insolúveis que esta pobre cidade, com certeza terá.

O pesadelo tinha um cheiro nauseabundo de vala negra, um ruído de carroças de tijolos arrastadas por cavalos esquilidos por entre os automóveis; as avenidas além de emporcalhadas pela bosta dos cavalos, atravancadas por engarrafamentos provocados por ‘arrastões’ de bandidos; sofás velhos largados pelas ruas, entupindo canais de esgoto; cadáveres de cães e de gente morta por atropelamentos ou em trocas de tiros; milícias de policiais corruptos ou traficantes se digladiando pela ocupação de territórios e vias de acesso, desordem absoluta dos serviços públicos, também controlados pelos substitutos das autoridades de ontem, hoje vergonhosamente destituídas.

Um mal estar antigo, arcaico, quase colonial como bem expressou o viajante europeu citado lá em cima.

Na última campanha eleitoral ouvi uma conversa estranha, à boca pequena falando em muros ‘para limitar a expansão’ de favelas. Enfeitava-se o pavão da conversa aludindo razões politicamente

corretas, do tipo a meritória salvaguarda do meio ambiente, do que resta da ex-exuberante beleza da Mata Atlântica, etc. e tal. Conversa fiada eivada do mais puro caô.

_Muros? – pensei com arrepios – Conter a expansão de favelas com muros? Estão de brincadeira!

O Rio civiliza-se! Uh lalá!

A alma das ruas e o destruidor de ruas

“...A população do Rio que, na sua quase unanimidade, felizmente ama o asseio e a compostura, espera ansiosa pela terminação desse hábito selvagem e abjeto que nos impunham as sovaqueiras suadas e apenas defendidas por uma simples camisa de meia rota e enojante de suja, pelo nariz do próximo e do vexame de uma súcia de cafajestes em pés no chão (sob o pretexto hipócrita de pobreza quando o calçado está hoje a 5\$ o par e há tamancos por todos os preços) pelas ruas mais centrais e limpas da grande cidade... Na Europa ninguém, absolutamente ninguém, tem a insolência e o despudor de vir para as ruas de Paris, Berlim, de Roma, de Lisboa, etc., em pés no chão e desavergonhadamente em mangas de camisa.”

(Francico Pereira Passos em discurso por volta de 1904)

“..A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas”.

(O cronista João do Rio em ‘A alma encantadora das ruas’, na mesma época.)

Vista com o filtro lírico da prosa fantástica de João do Rio, as cidades – e suas ruas – são seres viventes, de carnes e de ossos, indisso-

ciáveis dos personagens que as habitam e nelas transitam, amam, odeiam, povoando-as de vozes, humores, angústias e sonhos. Nelas, quando morrem – quem sabe? – pode-se até mesmo supor que pelas esquinas mais escuras, os habitantes deixem por lá, largados ao léu, os seus fantasmas. Matar uma rua é, pois o mesmo que matar seus transeuntes. Genocídio na acepção da palavra.

Francisco Pereira Passos, prefeito do Rio na época, visto neste quadro seria este serial killer de ruas. Ironicamente arvorando-se de ser o modernizador da cidade teria sido, isto sim, um dos responsáveis – o principal deles – pela vexatória decadência do Rio de Janeiro de hoje, o verdugo da cidade enfim.

Se nos fosse possível, ignorando a lucidez ácida de Lima Barreto, relevar os defeitos e desmandos de Pereira Passos e da aristocracia brasileira da belle époque, aludindo aos seus arroubos, supostamente civilizatórios, ainda assim teríamos de admitir que só mesmo o mais estúpido cartesianismo positivista seria capaz de supor que a modernização de uma cidade poderia se dar com a expulsão da maior parte de seus originais habitantes.

Apartada deles, daqueles seres, adoravelmente abomináveis descritos por João do Rio e Lima Barreto, a cidade do Rio de Janeiro virou uma vítima subjugada, traída, aviltada, nunca modernizada.

Prefeito de 1902 a 1906, Francisco Pereira Passos se achava um adepto do futuro que os entusiastas da República se vangloriavam de representar.

“...É claro que, por trás desta ideologia, estava a consolidação, entre outros, dos interesses da oligarquia cafeeira.... das construtoras francesas; das companhias inglesas de energia e bondes; e da nascente indústria automobilística norte-americana.

iniciou uma série de atos e decretos com o propósito de extirpar velhos hábitos citadinos e impor uma disciplina consoante à nova ordem republicana, comprometida que estava com os capitais franceses e ingleses em sua fase imperialista – calcada no escoamento da produção fabril e na exportação de capitais.

Exemplares neste particular foram os decretos de 09 de janeiro de 1903 que proibiram, no Centro da Cidade, o comércio ambulante de leite, efetuado com o auxílio do gado bovino... Outras proibições decretadas: esmola nas ruas, pingentes dos bondes, cuspidura no assoalho do bonde e criação de porcos no Distrito Federal.

Após alguma preparação de campo, iniciou-se, ainda naquele abril, um pequeno ensaio de demolições para alargamento e extensão de ruas e avenidas. Quase ao mesmo tempo foi apresentado o plano de remodelação da cidade.

O processo de desapropriação e despejo, aliado à instauração da vacinação obrigatória, redundou na Revolta da Vacina, iniciada em 14 de novembro de 1904, após a revolta da Escola Militar na Praia Vermelha. Com forte adesão popular, a revolta durou sete dias e resultou na decretação de estado de sítio, prorrogado por Pereira Passos até fevereiro de 1905, e no desterro dos insurretos (os chamados “quebra-lampíões”) para o Acre.”

(In ‘Rede da memória Virtual brasileira’)

A incrivelmente escassa divulgação dos fatos relacionados à chamada Revolta da Vacina no contexto da turbulenta serie de incidentes que, entre 1902 e 1910, demonstraram o estado de ânimo da população da cidade, em relação às intenções ‘civilizatórias’ do novo regime instaurado, é sobre qualquer aspecto vergonhosa.

A época, iniciada pelo fim do governo de feição positivista de Campos Salles, seguido por Rodrigues Alves e pelo início tumultuado do governo de seu sucessor Hermes da Fonseca- em cujo mandato ocorreram os não menos tristes acontecimentos relacionados à Revolta da Chibata (1910) – contém páginas que nossas auto proclamadas elites gostariam de rasgar da história brasileira.

As razões desta parcimoniosa objeção, quase omissão de fatos tão relevantes, emblemáticos mesmo para a nossa auto estima de povo heróico – embora não tão retumbante – é portanto mais que sabida: A história do Brasil ainda é contada sob o ponto de vista da mesma envergonhada e ignorante elite de sempre.

Neste caso, de forma deliberadamente exagerada, costumam ressaltar como mais relevantes, maravilhosos e positivos os méritos da modernização da capital atribuídos a uma ‘inovação’ chamada de República – que, a despeito disto, já nascia velha – a formidável transformação do centro da cidade na imagem e semelhança do centro de Paris – com a inauguração em 1906 do boulevard Avenida Central – e os avanços da cruzada higienista de Oswaldo Cruz contra o mosquito da febre amarela – e também contra a população que se mostrou em nada ignorante, posto que já intuía muito bem que depois da vacina obrigatória viria o famigerado ‘Bota abaixo’.

O fato é que até hoje se omite ou pouco se fala acerca do enorme custo social destas reformas e da natureza cruel e excludente de suas intenções, marcadas por um desprezo quase pré-nazista pela população comum, escorraçada para as frinchas dos morros e dos arrebaldes insalubres, sem eira nem beira, presa, degredada e, às vezes, morta com violência repressiva poucas vezes vista em nossa história (considerando-se inclusive o período dos anos de chumbo).

...”Saldo da revolta da Vacina: 30 mortos, 110 feridos, 945 presos 461 deportados. Em seguida, o governo deu início à prisão, tanto dos líderes populares da rebelião, quanto dos militares acusados de insurreição. “Prata Preta”(capoeirista, um dos líderes da revolta) foi preso em um dos restaurantes baratos do bairro da Saúde na hora do almoço. O escritor Lima Barreto, em Diário Íntimo, registrou a arbitrariedade e a crueldade da repressão aos revoltosos, sobretudo os pobres:

Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904.

“...A polícia arrebanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhanamente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à Ilha das Cobras, onde eram surradas desapidadamente. [...]”

A Ilha das Cobras tornou-se o centro dos castigos aos presos. Dias depois, eles foram embarcados em porões de navios para uma viagem sem volta ao Acre, território que o Brasil havia comprado da Bolívia em 1903.

“Os banidos levavam a missão dolorosíssima de desaparecerem...”, comentou o escritor Euclides da Cunha. A intenção das autoridades era remover para bem longe da cidade os elementos ditos “perigosos”, embora muitos deles fossem trabalhadores, desempregados ou simples miseráveis que se envolveram circunstancialmente na revolta.

Nas palavras do chefe de polícia Cardoso de Castro, afinadas com a política de saneamento da época: “era preciso limpar a cidade”. Para isso, “cogitou-se mesmo de sufocar a desordem a metralha”. A afirmação feita certa vez pelo presidente Campos Salles – “a cidade ideal era a cidade das multidões caladas” – parecia traduzir com perfeição os acontecimentos .

(Extraído de ‘O Rio de Janeiro da época da Avenida Central)

Na crônica ainda obscura destes incidentes, ressaltou-se que os deportados da Revolta da Vacina foram entregues a seringueiros para cumprirem trabalho escravo na selva... para sempre. Conta-se que muitos foram largados à própria sorte na mata e acabaram mortos pelos índios ou devorados pelos bichos.

O mesmo insidioso degredo para as selvas do Acre ocorreu com parte dos líderes marujos da Revolta da Chibata em 1910, cujo destino traçado pelo governo era serem fuzilados em alto mar na virada do ano novo de 1911. A insídia foi efetivamente cumprida.

(Segundo Edmar Morel, cronista da revolta, o diário de bordo do navio ‘Satélite’, um dos nove marujos condenados, apelidado de ‘Sete’ não pode ser fuzilado porque, mesmo estando com as mãos amarradas, conseguiu se atirar ao mar antes dos tiros, morrendo afogado).

João Cândido Felisberto, às custas do bom nome deixado em Li-

verpool na Inglaterra (cujo governo tentava garantir-lhe um julgamento justo) largado para morrer num calabouço da Ilha das Cobras junto a 12 marujos da Revolta, escapou do atentado que matou dez de seus companheiros.

(Com receio de reações na imprensa, cumprindo ordens superiores os oficiais, covardemente mandaram lançar ácido fênico e cal virgem na masmorra para asfixiar os prisioneiros e simular um acidente fatal.)

Bruzundangas póstumas

O refúgio e a tardia vingança dos infelizes

“...De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia”.

(Lima Barreto em *As Bruzudangas*, 1923)

À espécie de degredo a que foi condenada a população expulsa do centro da cidade pelo ‘Bota Abaixo’ de Pereira Passos seguiu-se, obviamente a ocupação desordenada de todos os morros próximos a recém inaugurada Avenida Central (Av. Rio Branco atual), a começar pelos Morros de Santo Antônio e Castelo (logo demolidos), espraiando-se para o Morro da Favela, atual Morro da Providência, (onde surge, oficialmente, não o conceito, como muitos afirmam, mas a denominação ‘favela’).

Integram também esta trágica geografia os Morros em torno de Santa Teresa, (Coroa, Querosene, Fogueteiro, etc.) e os do Maciço da Tijuca, propriamente dito na Zona Norte da cidade (Serra dos Pretos Forros).

É significativo se ressaltar também que alguns morros próximos ao centro do Rio, como os que formam a espécie de maciço que divide o centro da Zona Sul na Serra do Carioca (como é o caso dos morros do Catumbi e Da Mineira) já haviam servido de esconderijo e habitação para escravos fugidos, pelo menos desde o início do século 19, dando, provavelmente origem às comunidades

faveladas que até hoje ali habitam.

Esta fase inicial do processo de favelização do Rio de Janeiro, como que marcado, indelevelmente, pelo pecado original do modelo urbanístico excludente iniciado em 1902, se completa já nos primeiros decênios do século 20, com a expansão da cidade rumo à orla das praias da Zona Sul, e a reprodução de um mesmo velho modelo que evoca, sintomaticamente uma característica típica do modelo urbanístico patriarcal, que repete no Rio de Janeiro ad infinitum, o padrão flagrado por Gilberto Freire: A Casa Grande branca geminada, freudianamente à Senzala negra.

O Rio parece ser assim, o paradoxo da modernidade impossível, uma sociedade arcaica, aristocrática, que se valendo da exclusão social mais iníqua, pretende ser uma moderna Paris refinada sem abrir mão do abjeto anacronismo da escravidão reformada.

Pois observem bem que, depois de contidas as primeiras favelas da zona sul por meio de ‘remoções’, pretensamente civilizatórias (verdadeiros expurgos nazistas que foram), e incêndios criminosos (como o da favela da Praia do Pinto) foi da miséria a que foram relegados os bairros do subúrbio que as chagas das favelas voltaram a se alastrar, como pústulas se expandindo e se juntando umas às outras, num processo de involução urbana, ou desurbanização galopante (se é que estes esdrúxulos conceitos fazem mesmo sentido) que se acentua bastante a partir da década de 1970.

É de se lamentar – além disto, o que se há de fazer? – que numa espécie de vingança compulsória, involuntária, premida pela perpetuação das circunstancias de seu abandono, a antiga cidade das ‘sovaqueiras suadas’ execrada pelo controvertido ‘reformador’ Francisco Pereira Passos, aquela que foi alijada de si mesma, aquela imunda e desprezada urbe de miseráveis, posta abaixo e varrida para os cantos insalubres do infeliz subúrbio de Lima Barreto, esteja agora a cobrar a sua conta... como uma estranha re-mutação dramátúrgica, uma desmontagem, uma anticenografia de um verdadeiro teatro de horrores.

Você já teve a emocionante experiência de trafegar pelo trajeto entre o aeroporto Tom Jobim e o centro do Rio? Senão experimente para assistir – como naquele filme de guerra – o que há ‘Além da linha vermelha’

A área, marcada pelos traçados das modernas linhas Vermelha e Amarela, além da Avenida Brasil, era palmilhada outrora por pacatos subúrbios (Irajá, Inhaúma, Manguinhos, Bonsucesso, Olaria, etc.) que – mais ou menos como um prenúncio do que pode ocorrer com a cidade como um todo, após o agravamento da decadência do município – foram engolfados por favelas, virando uma favelão só, compacto (‘Maré’, ‘Alemão’, ‘Acari’, etc. ‘Complexos’ de favelas, como se diz hoje com um cinismo de doer).

Da Avenida Brasil eu me lembro muito bem, da minha juventude de operário metalúrgico da Ishikawajima do Brasil e da Faulhaber Engenharia. Ela, a ‘Brasil’ era o pólo industrial da cidade, com uma de suas margens em quase toda a extensão (que vai do Caju, quase no Centro, à Santa Cruz no outro extremo do município) inteiramente tomada por imponentes fábricas e indústrias de ponta, empregando todo o pessoal que passou a ocupar aqueles emergentes subúrbios, exatamente por causa deste efervescente mercado de trabalho (até um ramal de estrada de ferro – a ‘Linha Auxiliar’- foi criado para atender àqueles bairros como uma espécie de metrô pré-moderno)

Al f a r r a b i o s **V** i f f E o que é hoje a Avenida Brasil? Querem mesmo saber?

Os prédios e galpões de, rigorosamente todas as fábricas e indústrias foram, literalmente abandonados pelos proprietários e viraram micros e macro favelas. As gigantescas instalações da CCPL, por exemplo, grande fábrica e distribuidora de leite (uma das maiores do Brasil em seu auge) estão hoje ocupadas por um ‘condomínio’ com muitas centenas de favelados.

O mesmo se pode dizer da antiga ‘Gillete do Brasil’ e tantas outras indústrias, com seus prédios em ruínas abandonados e tomados, dando a região o nítido aspecto de uma... Mumbai? Por aí, só que

com certo look de Bagdá bombardeada por um destes Bush da vida.

O Rio de Janeiro já é um imenso complexo de favelas, uma imensa ex-cidade pontilhada de bairros comuns aqui e ali, alguns guardados por uma serra íngreme ainda desabitada; outros protegidos – graças a Deus! – pela proximidade do mar; alguns mais providentes já cercados por cercas e guaritas com seguranças de milícias privadas e, em futuro próximo (a se cumprirem os planos à boca pequena sugeridos pela prefeitura) muralhas semelhantes aquela aberração urbanística que Israel instalou na Faixa de Gaza.

Rio-Cidade? Favela-Bairro? Se virou favela como poderia ser, ao mesmo tempo, bairro? Se é um conglomerado complexo de favelas como poderia ser uma cidade? Sofismas urbanísticos de quem teima em não acreditar no que está óbvio, escancarado, como rei pelado, estropiado de velho se achando um Tom Cruise, um galã desses, da vez.

O Rio de Janeiro cidade maravilhosa cheia de encantos mil... já era, pessoal. O ‘coração do meu Brasil’ morreu, finou-se a metrôpole – Deus que nos perdoe – reduzida hoje a uma... favelópole.

(Num flash do pesadelo ouço uma voz rouca vazando de um blindado ‘caveirão’ que trafega lúgubre por vielas pós-modernas, apavorando os favelados que somos todos nós:

— ”Nós vamos carregar sua alma” Nós vamos carregar sua alma!”)

Talvez os ectoplasmas dos bruxos, dos feiticeiros de Candomblé, dos kimbandistas da Praça Onze, dos capoeiras navalhistas do Largo da Glória, dos motorneiros de bonde, das prostitutas do Cais Pharoux e das vendedoras de angu, todas as almas penadas das ruas do velho Rio, emanadas das pessoas lançadas no degredo perpétuo e mortas nas selvas do Acre, tenham rogado por aí as suas justas pragas.

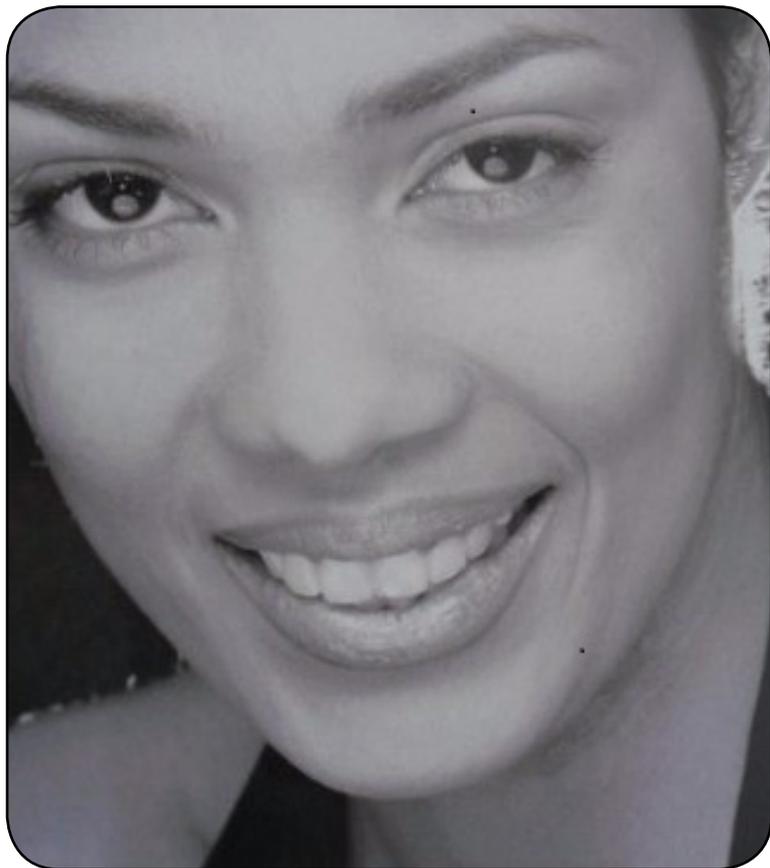
Talvez estas pragas pestilentas ainda infestem os ares da Praça Mauá, da Gamboa, do Santo Cristo ou da Saúde, onde os fantasmas dos ‘pretos novos’ semi-sepultos no cemitério-pântano ali, ao lado do mercado de escravos do Valongo, já se arrastam há muitos anos.

Oremos, plantemos então uma vela vermelha e preta nesta encruzilhada escura em que nos encontramos, uma galinha magrela, feroza amarela e cachaça vagabunda, bonequinhas de vudu, tudo a que temos direito e com todo fervor gritemos:

– Maldito Positivismo republicano! Maldito Pereira Passos! Que as pragas retornem para vós e todos os seus e não nos atinjam jamais!

Ana María Pedroso Guerrero

pag — 51



10CUBEART
CUBA IN EUROPE ART ASSOCIATION

University of Bergamo, Italia.
Specialized in Theory of Communication.
History of Cuban Cinema.

CUBA

Alfarrabios VII

Soles

Por qué no me habías dicho nunca que podías ser
tan cruel

me lo has escondido detrás de tus arcos y de tus cerros
detrás de tu antifaz lleno de soles y lunas
me lo escondías

Por qué me has hecho venir en cada vida
a ti

caminar en tus suntuosos palacios sin prisa
beber la paz contenida en mis pasos
volver la mirada hacia el pasado y reír

Por qué no me has dicho que todo termina
todo

y ahora me encuentro aquí sin ti
sin mis saltos incipientes de alegría
viviendo

Por qué no me has dicho

que esta habría sido la última vez
la última fortuita y maldecida vez

que habría sido feliz antes del encuentro

Por qué no me lo has contado

haciendo sí que un día

en medio de aquella danza desenfrenada y eterna
infinita y eterna

cubierto de flores rojas mi cuerpo lo tuviese

Y cinabrio se hizo todo

Cielo

mientras él cantando bailaba

púrpura mis labios mientras me giraba alrededor

sin piedad ni remordimientos amor

Me has traicionado

Soles in "Cuerpos Inconclusos" Ediciones UNION. Ciudad de la Habana, Cuba. 2006.



Ana María Pedroso Guerrero. (La Habana, Cuba)

Narradora y poeta. Licenciada en Lenguas y Literaturas Extranjeras en la Universidad de Estudios de la ciudad de Bergamo, Italia. En 1995 publica en italiano el cuento "La ventana" en la antología de escritores jóvenes cubanos *La Baia delle gocce notturne* editorial Besa, Italia. En 2003 recibe en Italia el premio internacional de poesía "Nosside"-XIX edición, convirtiéndose en la primera ganadora de todo el continente americano. En el 2006 al "XI Festival Internacional de Poesía de la Habana" se presenta su poemario "Cuerpos Inconclusos", Ediciones Union. En el 2007 se publica "Identità", Editorial Pulcinoelefante. Italia. Poemas suyos se encuentran publicados en diversas antología de las que se señala: "Mujeres poetas de América Latina", Caravelle—Cahiers du Monde Hispanique et Luso- Bresilien, n° 81, Toulouse, Diciembre 2003, "Palabras del Mundo", 2008, "La Nueva poesía cubana (1970-2010)", Lima, Elefante Editores, 2010. En el 2014 es invitada a participar en la antología "Eros in Giallo", Editrice ES, Italia, con el cuento "Chiudo gli Occhi".

En el 2018 es invitada a participar en el II Encuentro Internacional de Promotores de la Poesía y al VII Encuentro de jóvenes escritores de Iberoamérica en el que presenta su libro "En el nombre de Ana", Ediciones Cubeart. 27ma. Feria Internacional del Libro de la Habana, Cuba. Casa de la Poesía.



Adriana Mayrinck.

Produtora cultural, fez faculdade de artes plásticas em Recife na UFPE, e jornalismo na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro. Pai pernambucano e mãe carioca, dividida entre as duas cidades desde que nasceu, fez do destino uma ponte para fortalecer e fomentar a cultura e a arte.

Na poesia, transborda com sensibilidade o olhar para o lado de dentro, do ser, mulher, com suas inquietações, calma e ardências.

Mais nada.

Cabelos ao vento e flores nos olhos – flutuava.

Marcas na alma, coração arranhado – sonhava.

Usou verbos e metáforas para se encontrar.

Emergiu do fundo do mar, dos abismos da ilusão.

Matava e morria a cada dia.

E uma tempestade a arrastou para o nada.

E no vácuo do inexistente – buscava.

E olhou pra dentro e o encontrou - silêncio.

A alegria e a poesia estavam ali.

Gritou palavras, criou redemoinhos.

Arrancou o sossego, perturbou - ventava.

Ultrapassou limites e rimas.

E nos dias de maresia e lágrimas

Só queria cantar que amava.

Esperava palavras.

A voz calada.

Voou para o mar, igual ave solitária.
 Buscou abrigo nas horas passadas.

Mais nada.

Adriana Mayrinck



Ardências

Rasgo o dia colada aos raios de sol incandescentes.
 Deixo-me queimar e derreto.
 O vento acalma ardências do corpo e da alma.
 Mas permaneço incendiando.
 Quero que esse fogo latente
 consuma toda a concretude do pensamento.
 Arder e ser aquilo que perturba e não se desfaz.
 Que purifica e se confunde com tormenta,
 mas há calma por trás do imperceptível.

É o que tem que ser.

Sol. Fogo. Vulcão. Paixão.
 Na contradição dos opostos.
 Vento. Gelo. Abismo. Ausência.

Adriana Mayrinck

In-contida

O lado de dentro Dela. Borbulha.

Os caminhos são percorridos por lava incandescente. Vermelho vivo.

Transborda pelos poros, sentidos.

O pulsar latente, sufoca a alma que busca saídas. Labirintos.

A palavra está em carne viva, e já não há mais o grito.

São sussurros, contidos.

Joga-se no espelho do Outro, e sem reflexos recua.

Ela precisa ligar as palavras, fazer sentido.

Traduzir-se, mas como? Se só sabe ser mulher.

Ecos, desertos, silêncios, ventos. Isso se explica por si só.

Mas ele quer artigos, preposições, entendimentos.

Ela percorre caminhos, nas entrelinhas, decifrando enigmas.

Incompreensível.

Simples seria uma rima, quando o lê o compreende.

Mas assim tão exposto, a céu aberto, parece pássaro em vôo , inalcançável.

O olhar se perde no horizonte, nos entendimentos, nas percepções.

Respira profundamente e se joga na maresia.

Ela tem a alma exposta, aberta e arde.

Adriana Mayrinck



José Glauco Ribeiro Tostes, Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior do Estado do Rio

EUROPA, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: NAZIFASCISMO E OUTROS “FASCISMOS”

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

Na primeira metade do séc. XX tivemos duas grandes guerras mundiais: 1914-1918 e 1939-1945. Entre elas (o “Entre Guerras” de 1919-1938) tivemos o surgimento na Europa de diversos governos e movimentos classificados usualmente, em termos políticos, como “fascistas”, que num primeiro momento poderiam ser definidos negativamente como contrários às democracias liberais (como é o caso, por exemplo, das democracias dos EUA e da Inglaterra, com ênfase na liberdade e iniciativa individuais) e ao comunismo (como era o caso da sociedade coletiva da extinta União Soviética, atual Rússia). O historiador britânico E. Hobsbawm (“ERA DOS EXTREMOS: o breve século XX: 1914-1991”, Cia. das Letras, original inglês: 1994) faz um uso mais restrito ou limitado do termo “fascista”. Para ele, as forças que hostilizavam e derrubavam, no Entre Guerras europeu, os regimes liberal-democráticos, eram de três tipos, com apenas um deles merecendo o rótulo de “fascista”.

Antes de descrevermos, segundo Hobsbawm, tais três tipos, observe-se que o núcleo central dos preconceitos “conservadores”, comum àqueles tipos, se concentrava na repulsa simultânea aos dois ramos “progressistas” conflitantes da modernidade ocidental a partir do séc. XIX:

(a) ramo do comunismo ou socialismo marxista [esquerda];

(b) ramo das democracias liberais capitalistas [direita da modernidade],

ambos oriundos do mesmo tronco civilizatório iluminista europeu-norteamericano do séc. XVIII, e que se orientavam pelo progresso (supostamente sempre crescente, cumulativo) científico-tecnológico laico, secular, não religioso. O motor deste progresso, dependendo do ramo considerado, estaria centrado visceralmente:

(i) na economia de “livre mercado” capitalista

ou

(ii) na economia de planejamento estatal (já no século XX na União Soviética).

e, através de tal primado comum da economia, aquele progresso – repetimos – deveria ser universalizado “generosamente” para o restante do planeta. Eis aí as raízes do imperialismo praticado por grandes potências ocidentais (e dos conflitos entre elas) no restante do planeta a partir da segunda metade do séc. XIX e no séc. XX, através da pilhagem de riquezas naturais e exploração de trabalho assalariado “barato” nos países e regiões daquela “periferia” planetária.

De passagem, apenas apontamos, sem explicações, que mesmo a URSS não escapou do rótulo “imperialista”, principalmente a partir da Guerra Fria EUA x URSS, que começa no fim da primeira metade do séc. XX.

Vejamos agora os três tipos, acima, através de citações diretas de

Hobsbawm:

TIPO 1

Autoritários ou conservadores anacrônicos – por exemplo, o marechal Mannerheim, vencedor da guerra civil de brancos versus vermelhos na recém-independente Finlândia; o marechal Pilsudski, libertador da Polônia; o rei Alexandre, antes da Sérvia, agora da recém-unida Iugoslávia; o general Francisco Franco da Espanha – não tinham qualquer programa ideológico em particular, além do anticomunismo e dos preconceitos tradicionais de sua classe [conservadora pré-moderna].” (Hobsbawm, op. cit.)

TIPO 2

Estatismo orgânico - Um segundo tipo da direita [europeia, conservadora, no Entre Guerras] produziu o “estatismo orgânico”, não tanto defendendo a ordem tradicional [de modo pobre, ideologicamente falando, como no TIPO 1 acima], mas recriando os princípios desta ordem como forma de resistir ao individualismo liberal e à ameaça do trabalho e do socialismo. Por trás disso havia uma nostalgia ideológica de uma imaginada Idade Média ou sociedade feudal (!?), em que se reconhecia a existência de classes ou grupos econômicos, mas a terrível perspectiva da luta de classes [marxista] era mantida à distância pela aceitação voluntária de uma hierarquia social, pelo reconhecimento de que cada grupo social ou “estamento” tinha seu papel [fixado, não questionado] a desempenhar numa sociedade orgânica composta por todos, e [onde cada um de tais grupos] deveria ser reconhecido como uma entidade coletiva [um “corpo” estável; por exemplo, um corpo profissional]. Isso produziu vários tipos de teorias “corporativistas” que substituíam a democracia liberal [...]. Às vezes esta [democracia substitutiva] era descrita como participação ou democracia “orgânica”, e, portanto, [supostamente] melhor

que a [democracia] real, mas de fato combinava-se sempre com regimes autoritários e Estados fortes governados de cima [...]. Invariavelmente limitava ou abolia a democracia liberal [...]. Os exemplos mais acabados desses Estados corporativos [na Europa do Entre Guerras] foram encontrados em países católicos, notadamente Portugal do Prof. Oliveira Salazar, o mais longo de todos os regimes antiliberais da direita na Europa (1927-1974), mas também na Áustria entre a destruição da democracia e a invasão de Hitler (1934-1938), e, em certa medida, na Espanha de Franco.

Contudo, se os regimes reacionários desse tipo [TIPO 2 - com destaque para seus laços com o catolicismo] tinham origens e inspirações mais antigas que o fascismo [TIPO 3 adiante], e às vezes muito diferentes dele, nenhuma linha nítida os separava, porque ambos partilhavam os mesmos inimigos, senão as mesmas metas [...]. O que ligava a Igreja Católica Romana não só a reacionários anacrônicos [TIPO 1] mas aos [verdadeiros] fascistas [TIPO 3] era um ódio comum pelo Iluminismo do séc. XVIII, pela Revolução Francesa e por tudo o que na sua opinião [opinião da Igreja] dela [Revolução Francesa] derivava: democracia, liberalismo e, claro, mais marcadamente, o “comunismo ateu”. [Hobsbawm, op. cit.]

Alfarrabios V I I
TIPO 3

Restam os movimentos que podem ser verdadeiramente chamados de fascistas. O primeiro desses foi o italiano [...] criação de [...] Benito Mussolini [...]. O próprio Adolf Hitler reconheceu sua dívida e seu respeito a Mussolini, mesmo quando a Itália fascista demonstrou sua fraqueza e incompetência na 2ª Guerra Mundial [...]. Contudo o fascismo italiano sozinho não exerceu muita atração internacional [...].

[1] Sem o triunfo de Hitler na Alemanha no início de 1933, o fascismo não teria se tornado um movimento geral. Na ver-

dade, todos os movimentos fascistas com algum peso fora da Itália [mas ainda na Europa] foram fundados após sua chegada ao poder [...]

[2] Mais do que isso, sem o triunfo de Hitler na Alemanha, a ideia de fascismo como um movimento universal, uma espécie de equivalente direitista do comunismo internacional tendo Berlim como sua Moscou, não teria se desenvolvido.

[3] Além disso, sem a posição da Alemanha como uma potência mundial bem-sucedida e em ascensão, o fascismo não teria tido impacto sério fora da Europa [...].

Não é fácil discernir, depois de 1933, o que vários tipos de fascismo [TIPO 3] tinham em comum, além do senso geral de uma hegemonia alemã [...].

[1] O fascismo compartilhava nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo etc. com outros elementos não fascistas da direita [...].

[2] A grande diferença entre a direita fascista e não fascista era que o fascismo existia mobilizando massas de baixo para cima. [O fascismo] pertencia essencialmente à era da política democrática e popular que os reacionários tradicionais deploravam [por exemplo, do TIPO 1], e que os defensores do “Estado orgânico” [TIPO 2] tentavam contornar [...]. Os fascistas [TIPO 3] eram os revolucionários da contra-revolução: em sua retórica, em seu apelo aos que se consideravam vítimas da sociedade, em sua convocação a uma total transformação da sociedade [...].

[3] Embora a fascismo também se especializasse na retórica da volta ao passado tradicional [...] não era de modo algum um movimento tradicionalista [...]. Os movimentos fascistas [TIPO 3] – o italiano e o alemão – não apelavam aos guardiões históricos da ordem conservadora, a Igreja [TIPO 2] e o rei [exemplo do TIPO 1], mas ao contrário buscavam

complementá-los com um princípio de liderança inteiramente não tradicional, corporificado no homem que faz a si mesmo, legitimado pelo apoio das massas, por ideologias seculares e às vezes cultas.

[4] O passado ao qual os fascistas [alemães e italianos, por exemplo] apelavam era uma invenção. Suas tradições, fabricadas [...]. Hostil como era, em princípio, à herança do Iluminismo e da Revolução Francesa do séc. XVIII, o fascismo não podia formalmente acreditar em modernidade e progresso, mas não se acanhava em combinar um lunático conjunto de crenças [por exemplo, a suposta supremacia racial ariana, com todo um suposto passado de uma linhagem evolutiva ininterrupta “pura”] com uma modernidade tecnológica em questões práticas, exceto quando ela comprometia sua pesquisa científica básica feita em premissas ideológicas [portanto não mais sujeitas a investigação científica].

[5] [Nessa mesma linha de “crenças lunáticas” nazifascistas insere-se o antissemitismo na Europa com destaque para] movimentos políticos específicos baseados na hostilidade aos judeus no último quartel do séc. XIX [e sua posterior apropriação pelo fascismo hitleriano]. Os judeus estavam presentes em quase todo o lugar e podiam simbolizar com facilidade tudo o que havia de mais odioso num mundo injusto, inclusive seu compromisso com as ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa que os tinham emancipado e, ao fazê-lo, os haviam tornado mais visíveis. Eles podiam servir de símbolo ao odiado capitalista/financista; do agitador revolucionário; da corrosiva influência dos “intelectuais sem raízes” e dos novos meios de comunicação; da competição que lhes dava uma fatia desproporcional dos empregos em certas profissões que exigiam educação; e do forasteiro e estrangeiro como tal.

[6] [Notável também pelas incríveis semelhanças com o ressurgimento de movimentos políticos de extrema-direita em vários países europeus articulados ao enorme fluxo migratório asiático-africano em direção a Europa nos últimos anos] é o surgimento de movimentos não tradicionais da direita radical em vários países europeus em fins do séc. XIX em reação [...] à onda de estrangeiros que invadia o mundo na maior migração de massa da história até aquela data [...]. Antecipando o fim do séc. XX [e o início do séc. XXI], o fim do séc. XIX introduziu a xenofobia de massa, da qual o racismo [...] tornou-se expressão comum.

[7] [Tema: nacionalismo e intolerância de classe]. Os novos movimentos da direita radical [no Entre Guerra-europeu] apelavam para tradições mais antigas de intolerância [como aquela vista acima do último quartel do séc. XIX, atingindo os judeus em vários países da Europa], mas em essência as transformavam, atraindo sobretudo grupos inferiores e médios das sociedades europeias, e eram formulados como retórica e teoria por intelectuais nacionalistas, que surgiram como uma tendência na década de 1890 [...] As camadas de classe média e média baixa continuaram sendo o alicerce desses movimentos por toda a era da ascensão do fascismo. [Hobsbawm, op. cit.]

TEMAS PARA DISCUSSÃO

1. Como liberais e comunistas “contribuíram” – de modo irracional – para a subida de nazi-fascismo ao poder pelo voto na Alemanha em janeiro de 1933?

2. Por que já a partir de 1935 liberais [direita “civilizada”] e comunistas [esquerda] começaram a perceber que acabariam se unindo para enfrentar o nazi-fascismo [extrema-direita], como de fato aconteceu? Ou porque os liberais não se uniram ao nazi-fascismo para derrotar o inimigo comunista [o que, aliás, era o que Hitler esperava]? A direita “civilizada” liberal capitalista [ao longo do séc.

XX e até hoje] vem sempre se associando à esquerda [comunista ou aparentada] toda a vez que ocorre qualquer perigo de tomada do poder – nacional, continental ou mundial – por um movimento de extrema-direita?

3.Comentar a frase de Hobsbawm: “Uma das ironias deste estranho séc. XX é que o resultado mais duradouro da Revolução comunista [ou do “socialismo real”] de Outubro de 1917, cujo objetivo era a derrubada global do capitalismo, foi salvar seu antagonista, tanto na guerra como na paz?”

4.Qual foi o grande confronto militar decisivo, envolvendo apenas duas grandes potências, para o resultado final da Segunda Guerra: derrota do nazi-fascismo?

5.Comentar a frase de Hobsbawm: “A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e tristes do final do séc. XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o [que foi o] passado público da época em que vivem”.

Flavia D'Angelo



46 anos, natural de Niterói, divorciada. Foi blogueira e sempre amante de poesia.

Como brincadeira escreveu seu primeiro poema após uma briga com seu ex namorado rs. Deu certo, serviu para alguma coisa.

E hoje expurga linhas e palavras como terapia.





fria noite lancei meu achego
querendo ao meu lado quem não me precisa
sou assim, entendo a dor

no brinde solitário com a indiferença
sinto a secura do momento
antes revestido de ternura

palavras e gestos descabidos de sentido

selam a fria noite agora vazia

de entendimento

acarreando o seu pesar

a quem não se digna a esse

trato frio que machuca

tristeza vivida no desprezo

de uma entrega sincera

não há mal maior

daquele que não absorve

enquanto pode
o valor de um afago

perdas desadormecem fragilidades
do tempo que nos resta
e necessito gritar a vida

extrair o máximo
de pessoas que me pertencem
pelo maior tempo possível

Não sei quando findo, pode ser amanhã
hoje...quem sabe?

e nessa espera
tutelado será quem guardo aqui dentro
dizimando na medida que posso
o sofrimento que lhe afeta

e quando não me fizer presente
na distância lanço de mim a volição
de que matinadas vividas nessa estreiteza no peito
passarão...

assim deseja quem ama!

[Flavia D'Angelo]



amigo...

é ouvido sem filtro

ombro não pedido

calado sofrer dito

desabafo ato sem sentido

espaço dado esperada hora

do que dentro aperto traz pra fora

silêncio teu tudo

cada segundo junto

presente está...



“tende piedade de nós...”

inércia que muda
consolo
tormenta de álcool no corpo
faixa que pede
pedestre
vidas vivas mortas
posto em postas
garrafas no lixo
desejo perdido
risos falsos frustrados
espera de horas cansaço
noite que branco me visto
procuro...início de fim...
existo!

[Flavia D’Angelo]



terás-me puta
guarde lembrança
me acende chama
em trato na dama
que trago comigo
mulher sou tantas
todas me ganhas
homem medida
peso balança
sabe equilíbrio
valor exijo
tal prazer sentido
daquele que divido cama...

JORDÃO PABLO DE PÃO



Produtor Literário, Articulador de Programação Cultural e Professor de Literatura, descobriu a força da palavra ainda em seus estudos escolares. Estuda História da Arte e tem na palavra literária e no que irmana os seres humanos os seus focos de investigação existencial. Melancólico e capricorniano severo, encontra no quarteto Elis-Bethânia-Carmen-Lispector a referência artística para um mundo mais honesto consigo mesmo. Autor dos fanzines “Abre Caminhos” (Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2017) e “Energia” (Edição do Autor, 2017), colabora com revistas culturais e já organizou, prefaciou e revisou muitas obras literárias. Visite jordaopablo.wordpress.com.

COISA DE ÍNDIO

todo mundo junto
numa mesma casa
comendo a comida comum
partilhando objetos
pensando uns nos outros
dividindo tarefas
compartilhando sorrisos
genuínos, latentes, sem fim
desaprender tudo que nos ensinaram
os que aqui estavam
parece que nos fez andar para trás



BRIGA DE CASAL

No baixo centro de Niterói, o que mais vejo todos os dias são bêbados e casais não lá muito sóbrios... Com as mãos dadas, caminhando para o que parece ser o emprego, eles celebram o sol escaldante dos últimos dias e a vontade de estar juntos apesar de. E põe “apesar de” nesse negócio de dividir uma casa, contas e filhos! Quando passam, normalmente alterados, frutos da cervejinha de todo dia, a criar um padrão para além da família tradicional, eles conversam

alterados sobre os últimos acontecimentos ou só são amores se tiveram uma tórrida noite (quem sabe manhã?) de amor. Tão bonito ver a necessidade de expor sentimentos sendo atendida. Muitas vezes, achamos que é melhor “deixar passar”, colocar panos quentes ou posar como se nada estivesse acontecendo. Esses casais do baixo centro de Niterói, não. Eles vivem vorazmente, entre apertos no braço e palavrões que cutucam feridas abertas. Eles vivem na navalha de quem sabe que a vida é só uma, é curta e não é perfeita. Viva o amor não embriagado dos embriagados de viver.



MUITAS COISAS NUM SÓ LOCAL

Niterói é realmente uma cidade plural. E seus cidadãos devem tirar o máximo proveito disso. Enquanto algumas cidades no mundo são apresentadas como a cidade disso ou daquilo, nosso lugar é a CIDADE SORRISO. Cidade de São Jorge com procissão enorme por uma de suas vias administrativas mais importantes. Cidade de terreiros, igrejas e templos, lado a lado. Cidade de apresentações teatrais em teatros e casas de cultura, mas também shoppings, praças e hospitais. Cidade de música na rua: em cada esquina, a iminência de uma surpresa. Cidade de grandes espetáculos à beira da Baía, mas também em praias e ilhas. Cidade de desfile monumental e de um Museu Contemporâneo que se reinventa e abre o teto para que vejamos nosso local de novo ângulo. Cidade de Araribóia que ganha cocar de penas no Dia do Índio. Cidade da alegria, falsa ou verdadeira, mas alegria.

Não, este texto não é Jogo da Poliana, em que o lado bom das coisas é perseguido a qualquer custo. Este escrito é, sobretudo, para aplaudir e reverenciar o povo niteroiense. Criativo que só, gera soluções e encontra caminhos na névoa. Curioso e ostentador, vai a quase tudo que é convidado. Crítico, vai a seus governantes e, emocionado, semeia acordos. Nossos artistas, quantas vezes trabalham de graça ou com um cachê mínimo, mas apresentam o melhor para o público, bem maior de seu trabalho? Sou orgulhoso desta, por esta, com esta cidade. O maior patrimônio de Niterói são seus cidadãos – disso eu tenho certeza. Esta é minha bandeira.

Estamos em um tempo muito difícil – desconfiados de tudo, trancafiados com medo da violência que pode surgir de qualquer lado, agredidos pela imoralidade de algumas figuras públicas. Dizem que o Fonseca está em guerra civil – está. Dizem que o Imbuhy se perdeu – pena. Dizem que a intolerância contra a diferença aumenta – burrice (dos violentadores). Dizem que a censura está vindo aí – salve-se quem puder! É um tempo de fio da navalha, de uma sucateação da cultura que, muitas vezes, começa nos próprios trabalhadores. De alguma forma, é até espontâneo – não há culpados... ou há? O sistema – se há sistema – está infelizmente viciado. Tem dias que nada parece dar certo, mas tem dias que as coisas se encaixam. Disse Euclides da Cunha que o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Digo que o niteroiense é, apesar de tudo, um deus – só falta ocupar a sua cidade.





PAULO MENEZES

FORMAÇÃO

Sou de formação auto-didata e estudei em métodos de músicos e professores como Maria Luisa de Mattos Priolli, Antonio Adolfo, Almir Chediak, Paul Hindemith, Nelson Faria e Tomás Improta. Tive a oportunidade de ter aulas particulares com o grande músico e mestre do contrabaixo acústico, professor Paulo Russo.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

professor de Violão Popular e Contrabaixo Elétrico desde 1979;

voz e violão em grupos de MPB;

contrabaixo em algumas bandas de rock;

shows em diversas casas noturnas do Rio de Janeiro nos anos 80, entre elas, o Restaurante Café Un Deux Trois, no Leblon, sob o comando do pianista Ely Arcoverde e o Bar Let It Be em Copacabana, acompanhando o rockeiro Serguei;

atualmente toca na banda Ícones do Progressivo.

(21) 99465-8177 (Tim) | (21) 97214-5859 (Vivo)

ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA RIO DE JANEIRO BRASIL



MESTRE GIL

MESTRE SOMBRA

ALFARRABIOS

Dia 19 de abril dia do Índio?

El Brasil 27

Si los indios tuvieran una vida espiritual, reconocieran a su Creador y su vasallaje a Su Majestad y obligación de obedecer a los cristianos... los hombres [portugueses] tendrían esclavos legítimos capturados en guerras justas, y también tendrían el servicio y vasallaje de los indios de las misiones. La tierra estaría poblada de colonizadores. Nuestro Señor ganaría muchas almas, y Su Majestad recibiría grandes ingresos de esta tierra.

Manuel da Nóbrega

Justo L Gonzalez. Historia Del Cristianismo. Tomo II

Cerqueira e Coelho (2017), a partir de análises econométricas com base nos microdados do Censo Demográfico do IBGE e do SIM/MS, mostraram que a tragédia que aflige a população negra não se restringe às causas socioeconômicas. Estes autores estimaram que o cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência.

Atlas da Violência 2017. Ipea e FBSP1

COLETIVO ALFARRABIOS